

4. A renúncia aos próprios interesses

O que significa renunciar aos próprios interesses para procurar os de Jesus Cristo? Procuremos compreender porque é uma questão vital.

Paulo em Filipenses 2,21 queixa-se que todos procuram os próprios interesses e não os de Jesus Cristo. Utiliza o verbo *zeteo*, que em latim é traduzido com *quaerere*, que significa "procurar", estar em busca de algo e alguém que desejamos, que nos falta, que é indispensável. É o verbo que a Bíblia também usa para a busca de Deus. Na Regra, é o verbo que São Bento usa para expressar a condição fundamental que deve ser examinada no noviço para compreender se ele tem ou não vocação: "*si revera Deum quaerit* – se ele realmente busca Deus" (RB 58,7).

É interessante notar como na Regra, é sublinhado o aspecto da renúncia à busca dos próprios interesses para buscar a Deus e os Seus interesses. Quem se apresenta ao mosteiro para entrar deve, de fato, ser mal tratado, ser obrigado a esperar fora da porta (imagino que em qualquer clima) e até suportar "insultos e dificuldades" (RB 58,3). Hoje, se vem um postulante, estendemos imediatamente o tapete vermelho e dizemos-lhe que a vida monástica é o que tem de melhor para ele ou para ela, e talvez lhe dizemos que pode trazer para o mosteiro tudo o que gostar e quiser, celulares, computadores, contato diário com todos os seus amigos e parentes, e se tiver feito estudos ou se formou em uma profissão, prometemos que pode fazer bom uso para o mosteiro, praticamente desde o início. Sim, é verdade, terá de fazer um aninho de noviciado levemente mais rígido, mas passa rápido, e se fara tudo para o distrair do tédio que comporta, e logo depois poderá começar a estudar e a fazer o que gosta, como antes... Exagero, mas infelizmente... não muito! O que muitas vezes se perdeu, foi a consciência de que abraçar uma vocação de seguimento de Cristo, não é possível sem uma renúncia da busca dos próprios interesses, para procurar os de Cristo.

Os "maus tratos" que Bento prevê em relação aos postulantes – que talvez hoje resultassem na denúncia e prisão do abade, do porteiro ou do mestre de noviço – não é para mostrar rigidez ou desencorajar os caracteres fracos e indecisos. É feito sobretudo para deixar claro, desde o início, que entrar numa vocação deve envolver um salto na busca do coração, naquilo que realmente desejamos. Trata-se de verificar se procuramos Deus ao ponto de sacrificarmos os nossos interesses aos Seus, o que é para nós ao que é para Ele. Aquele que se encontra "quatro ou cinco dias" (RB 58,3) na porta do mosteiro, talvez no inverno com a neve, ou no verão com o calor abrasador, e toda vez que bate ou chama, não lhe abrem a porta, lhe dizem que não há lugar para ele, que vá embora, é óbvio que deve se perguntar: Mas que interesse tenho eu em entrar neste lugar? O que ganho com esta forma de vida que me rejeita? Não será melhor eu voltar para casa, para a minha vida, para os meus interesses?

O que faz uma pessoa ficar, continuar a bater até abrirem a porta e dizer: "Muito bem, fica!?" Ou persiste porque é louco ou é tão desesperado que até os maus tratos que sofre é melhor do que aquilo que experimenta lá fora; ou permanece porque busca algo maior do que os seus interesses, porque procura os interesses de Jesus Cristo, busca Deus.

Este colocar a prova aquilo que o coração procura, não termina quando finalmente o deixam entrar no mosteiro: continuará durante o período de noviciado. De fato, São Bento pede que "um ancião capaz de ganhar almas" seja solícito em examinar, com atenção, se o noviço "procura verdadeiramente Deus, se é solícito pelo Ofício Divino, pela obediência, por coisas desagradáveis (*oppropria*)", e acrescenta que lhe deve ser dito com antecedência (*praedicentur*) "todas as coisas duras e ásperas pelas quais se vai a Deus" (RB 58,6-8).

Esta provação não terminará depois da Profissão: toda a vida monástica é este caminho que vai para Deus, na qual muitas situações e circunstâncias testarão sempre a razão profunda da perseverança, da fidelidade, e farão pedindo-nos para escolher sempre os interesses de Cristo em vez dos nossos. Todo o caminho descrito pela Regra fala desta escolha do coração, que não é feita uma vez por todas, porque procuramos sempre uma plenitude, procuramos sempre a felicidade. E isto é bom, porque foi Deus que nos criou assim, que nos deu um coração assim. Ai de nós se deixássemos de procurar a felicidade: não seríamos nós mesmos, não seríamos humanos como Deus plasmou o homem e a mulher, enchendo-os com o desejo do infinito.

Mas a questão é compreender, ou melhor: deixarmo-nos anunciar por Cristo, pelo Evangelho, que a nossa verdadeira felicidade não está na busca dos nossos próprios interesses, mas na busca dos interesses de Deus e dos outros. Este é o grande mistério da vida, o grande mistério que o cristianismo veio iluminar e que há dois mil anos vem anunciado junto com a proclamação pascal, porque é um mistério inerente ao mistério pascal: que o homem encontra plena satisfação dos interesses do seu coração, renunciando a buscar seus próprios interesses e abraçando os de Cristo. É um paradoxo, é uma loucura, mas uma loucura em que se encontra a sabedoria pascal do cristianismo, uma realidade inconcebível, mas real, tanto que é possível experimentá-la, verificar que é de fato assim. O próprio Cristo dá testemunho disto, encarnando-se, vivendo como um pobre e servo de todos, e sobretudo morrendo na cruz e ressuscitando. E ao segui-Lo, todos os santos dão testemunho, começando pelo bom ladrão, que se tornou santo em poucos minutos, não só pela sorte de ser crucificado ao lado do Redentor, mas porque compreendeu que diante Dele, que morria na cruz, não tinha que procurar o próprio interesse que era o de sobreviver, como pedia o outro ladrão, mas devia se abandonar aos interesses de Cristo, seguindo-O, deixando-se salvar e ser levado para o Paraíso.

Porque – e aqui está toda a solução do paradoxo cristão – e quais são realmente os interesses de Cristo? Os interesses de Cristo, os interesses de Deus, são a salvação do mundo, a redenção dos pecadores, a nossa salvação. Portanto, ninguém pode procurar mais e melhor os seus próprios interesses que procurando os de Jesus Cristo.